

Título: Distintas Concepções de Validade em Pesquisas Qualitativas**Autoria:** Leila Giandoni Ollaik, Henrique Ziller**Resumo**

Este ensaio tem como objetivo expor distintas concepções existentes sobre o conceito de validade e discutir validade no âmbito de pesquisas qualitativas. Verifica-se que originalmente a concepção de validade teve natureza positivista, tendo sido adaptada ao longo do tempo e apresentando especificidades para pesquisas qualitativas. O pesquisador qualitativo deve avaliar de maneira cautelosa a escolha de métodos de validação, para manter a coerência entre a epistemologia adotada e a concepção de validade utilizada. O quadro teórico de referência trata da discussão das distintas concepções de validade e das várias formas de aferi-las. As concepções e formas de aferição apresentadas foram fruto de ampla pesquisa sobre métodos qualitativos, incluindo análise de artigos sobre validade publicados em cinco periódicos internacionais especializados em pesquisas qualitativas, quais sejam: *Qualitative Research Journal*; *The Qualitative Report*; *Quality & Quantity – International Journal of Methodology*; *International Journal of Qualitative Methods*; e *Qualitative Inquiry*. Buscou-se identificar artigos, nos últimos dez anos, que contivessem o termo “validade” no título. Foram utilizados, dentre esses, os textos que trataram da questão da validade em pesquisas qualitativas, ainda que de forma mais abrangente. A metodologia utilizada foi de análise comparativa. Foi possível perceber que as concepções de validade podem ser agrupadas em três grandes blocos: concepções relacionadas à fase da formulação da pesquisa (validade prévia); concepções relacionadas à fase de desenvolvimento da pesquisa (validade interna) e concepções relacionadas à fase de resultados da pesquisa (validade externa). O agrupamento teve como ponto de partida uma classificação de Brinberg (1982) que, a partir de sua concepção básica, traz três momentos distintos para aferição da validade em pesquisas qualitativas, que são a formulação, o desenvolvimento e o resultado. A partir daí, foram adicionadas as distintas concepções e os vários elementos que surgiram a partir daquilo que foi pesquisado pelos autores deste ensaio. Os principais resultados são que é possível notar a presença de autores tanto quantitativos quanto qualitativos em cada uma das fases, de formulação, desenvolvimento e resultados; embora os enfoques sejam diferenciados. As concepções de validade mais próximas às origens positivistas se preocupam mais com validade na formulação e nos resultados; enquanto as concepções de validade mais interpretativistas dão maior ênfase ao desenvolvimento da pesquisa, sem deixar de lado preocupações também com formulação e resultados. As conclusões são que um pesquisador qualitativo pode e deve se preocupar com validade nas três fases da pesquisa: formulação, desenvolvimento e resultados. A forma que esta preocupação irá assumir irá variar de pesquisador para pesquisador, conforme suas orientações filosóficas, epistemológicas e científicas. O mais fundamental é manter coerência ao longo de toda a pesquisa. A validade em pesquisas qualitativas parece, assim, ser mais ampla e pormenorizada; embora menos mensurável quantitativamente.

Distintas Concepções de Validade em Pesquisas Qualitativas

Introdução

Este ensaio tem como objetivo expor distintas concepções existentes sobre o conceito de validade e discutir validade no âmbito de pesquisas qualitativas. Tem como pano de fundo o debate entre as epistemologias positivista e interpretativista na construção do conhecimento.

O ensaio está estruturado da seguinte forma: a fundamentação teórica traz a discussão das distintas concepções de validade e formas de aferi-las. As concepções e formas de aferição apresentadas na fundamentação teórica foram fruto de ampla pesquisa sobre métodos qualitativos, incluindo análise de artigos sobre validade publicados em cinco periódicos internacionais especializados em pesquisas qualitativas, quais sejam: *Qualitative Research Journal*; *The Qualitative Report*; *Quality & Quantity – International Journal of Methodology*; *International Journal of Qualitative Methods*; e *Qualitative Inquiry*. Buscou-se identificar artigos, nos últimos dez anos, que contivessem o termo “validade” no título. Foram utilizados, dentre esses, os textos que trataram da questão da validade em pesquisas qualitativas de forma mais abrangente. A partir daí, foi feita análise de distintas concepções de validade, agrupando-as em três grandes blocos, conforme apresentado nas conclusões, que traz também sugestão para pesquisas futuras.

Concepções de validade

A fundamentação teórica aqui apresentada traz distintas concepções de validade, uma exposição de diversas formas de aferir a validade, com ênfase em pesquisas qualitativas, e uma breve discussão sobre o contexto e a lógica subjacente a cada concepção, e em cada tipo de pesquisa científica, relacionando esses subitens ao final da sessão.

1. Distintas concepções de validade

Dicionários definem validade como qualidade, ou condição, de válido. O termo válido, por sua vez, é definido como aquilo que tem valor, valioso; ou aquilo que tem saúde, sadio, são; ou vigoroso; ou que surte efeito, eficaz (FERREIRA, 2009); também definido como lógica, que contém premissas das quais a conclusão pode ser logicamente extraída (SACCONI, 2010).

Em pesquisa científica, validade assume concepções mais complexas. A elaboração original do conceito vem de métodos quantitativos, nos quais a validade é a extensão em que uma medida representa corretamente o conceito do estudo, ou seja, o grau em que a medida está livre de qualquer erro. A validade seria referente à semelhança entre o conceito e suas medidas, ao grau em que uma medida representa precisamente o que se espera. A garantia da validade começaria com a compreensão direta do que deve ser medido, sendo assim, portanto, uma questão prioritariamente de formulação da pesquisa (HAIR et al., 2009).

Em pesquisas quantitativas, como o pano de fundo é a filosofia positivista, a validade é um atributo que se relaciona com a objetividade, com a possibilidade de repetição do experimento, com o fato de a pesquisa estar aberta à verificação por outras pessoas, e com a capacidade de generalização. Assim, em uma pesquisa quantitativa válida, outro pesquisador pode desenvolver a pesquisa e chegar ao mesmo resultado. A ciência é vista com objetividade e tem caráter explicativo (MARTINS, 2004).

Os critérios tradicionais adotados para verificar a existência de validade em pesquisas têm suas raízes nessa tradição positivista. De certa forma, o próprio positivismo tem sido definido por uma teoria sistemática de validade (GOLAFSHANI, 2003).

A validade em pesquisa qualitativa é um tema que já vem sendo explorado há cerca de meio século, com maior ênfase em anos recentes. Embora sua origem sejam os pressupostos adotados na pesquisa quantitativa, vem sendo adaptada e utilizada na pesquisa qualitativa (CHO; TRENT, 2006).

Em pesquisas qualitativas, a concepção de validade assume formas distintas, pois em métodos qualitativos a discussão sobre escalas de medição não se aplica, sendo necessária a compreensão de validade em outra perspectiva. Para além de questões de formulação, naquilo que pode ser compreendido como validade prévia, a validade busca responder o que constitui uma pesquisa bem feita, confiável, merecedora de ser tornada pública para contribuir para o conhecimento, ou, conforme a definição apresentada inicialmente para o termo “válido”, que tem valor, eficaz. Nesse sentido, adaptando o conceito quantitativista para pesquisas qualitativas, validade seria determinar se uma pesquisa de fato mede verdadeiramente o que o pesquisador se propôs a medir, se os processos metodológicos são coerentes e consistentes, e se os resultados da pesquisa são consistentes. A validade pode genericamente ser vista como a correspondência entre a pesquisa e a realidade (BIANCHI; IKEDA, 2008). Cabe, no entanto, questionar se essa transposição pode ser feita, de maneira a se encontrar uma concepção de validade que atenda tanto à pesquisa quantitativa como à pesquisa qualitativa. Dentro do universo de pesquisas qualitativas, há várias possibilidades de definições e de critérios para validade. É preciso ter claro o contexto no qual se está atuando para definir com coerência a concepção de validade que será adotada e explicitar os critérios que serão então úteis. Daí decorre que, em pesquisa qualitativa, a concepção de validade e seu método de aferição são definidos de diversas formas. Não se trata de concepções únicas, fixas ou universais. Trata-se de um construto fortemente ligado aos processos e às intenções de cada projeto e de cada metodologia de pesquisa (GOLAFSHANI, 2003). Diferentes contextos podem propiciar diferentes adaptações dos métodos utilizados.

Nas mais diversas concepções adotadas, no entanto, validade se refere a verificar se os resultados são verdadeiros e confiáveis. A validade estaria relacionada com o fato de os resultados refletirem com precisão a situação analisada, e de serem confiáveis no sentido de que não há razões para duvidar deles; ou seja, a pesquisa é válida se as evidências dão o apoio necessário às conclusões (GUION, 2002). Nesse particular, mais uma vez, denota-se a influência positivista que compreende a essência da pesquisa como a busca da verdade.

No entanto, a pesquisa qualitativa busca descrever e compreender um fenômeno, não explicá-lo nem fazer previsões. E a descrição e a compreensão estão restritas a um contexto específico a partir do qual se chega a um tipo de conhecimento distinto do que é alcançável por procedimentos estatísticos ou outras formas de quantificação. Em vez de explicar, busca descrever. Em vez de prever, busca compreender. Em vez de generalizar, busca a possibilidade de extrapolação para situações com contextos similares (GOLAFSHANI, 2003).

Uma das principais críticas feitas à pesquisa qualitativa é que a ela falta representatividade, não permitindo generalizações, sendo por demais subjetiva, subjetividade esta decorrente principalmente da proximidade entre pesquisador e pesquisado. Além disso, sofre críticas por ter caráter descritivo e narrativo, e não explicativo. No entanto, essas críticas só seriam válidas a partir do paradigma quantitativo, visto que em pesquisas qualitativas a intenção não é generalizar, mas sim descrever, analisar, buscar compreender. Nessa perspectiva, validade estaria relacionada com a coerência interna (MARTINS, 2004).

Ou seja, há concepções que dão mais ênfase à validade dos resultados, também chamada validade externa; e há concepções que dão mais ênfase ao processo, ao método, também chamada validade interna.

Para Koro-Ljungberg (2010), a validade em pesquisas qualitativas está mais fortemente relacionada com a responsabilidade no tratamento das informações obtidas e nas decisões do pesquisador, com intensa preocupação ética.

Nessa linha, de validade interna, de processo, há também a concepção de validade transacional, que age em uma perspectiva micro, na qual o cerne da questão está relacionado com a interação entre o pesquisador, o pesquisado e os dados coletados; de maneira a se alcançar a maior identidade possível entre sentimentos, experiências, valores e opiniões coletados; e a narrativa sobre eles que é feita pelo pesquisador (CHO; TRENT, 2006).

A validade transacional admite a utilização de diversos métodos já conhecidos, e compõe, junto com a validade transformacional, duas grandes linhas de validação. Nesse segundo grupo, não se trata mais de verificação da validade de procedimentos, mas, mais além, é uma abordagem na qual a validação equivale ao impacto causado pela realização da pesquisa. Mediante o esforço de pesquisa, haveria um resultado de emancipação em direção à mudança social (CHO; TRENT, 2006).

A validade transacional se caracterizaria por seu foco procedimental, e, mais especificamente, na relação pesquisador/pesquisado; enquanto a validade transformacional se caracterizaria pelo processo, no qual os procedimentos perdem relevância em favor do impacto causado pela pesquisa em si mesma (CHO; TRENT, 2006).

Cho e Trent (2006) concluem seu trabalho com a apresentação de um modelo que prevê uma variada combinação de métodos de validação em função de distintos objetivos que uma pesquisa qualitativa pode ter. A partir dos objetivos de cada pesquisa, derivam-se concepções de validade mais aderentes a cada um deles. Para eles, os objetivos da pesquisa qualitativa podem ser: busca da verdade, descrição densa, desenvolvimentista, ensaio pessoal e *praxis/social*.

No ensaio *praxis/social*, a verificação da validade se assemelha ao da validade transformacional, com a diferença de que não se trata mais de impacto advindo do esforço da pesquisa, mas como resultado da interação entre pesquisador e participantes, e sua posterior (à pesquisa) atitude cotidiana transformada pelo processo de pesquisa (CHO; TRENT 2006).

Essa proposição de adotar métodos de validação conforme o objetivo de cada pesquisa consiste em uma perspectiva integradora e não excludente. Com ela, almeja-se alcançar uma proposta holística de validade, a salvo de “técnicas mágicas”, que livram as pesquisas de caminhos e resultados equivocados (CHO; TRENT, 2006).

Apesar dessas diferenças, tanto pesquisas quantitativas quanto pesquisas qualitativas, independentemente da argumentação que façam a respeito da validade de uma pesquisa qualitativa, procuram demonstrar que seus estudos são críveis, confiáveis e válidos.

2. Como aferir validade?

Há diferentes técnicas para a aferição da validade de uma pesquisa científica conforme a concepção de validade que esteja sendo utilizada. Validade em pesquisa qualitativa tem sido operacionalizada de inúmeras maneiras, e todas as concepções apresentam algum nível de apropriação adequada nos diversos desenhos de pesquisa qualitativa (ONWUEGBUZIE; LEECH, 2007).

Para verificar validade externa, em uma pesquisa qualitativa, a opção por adotar sem adaptações a concepção positivista e verificar a capacidade de replicação e generalização dos resultados resultaria em um esforço com poucas perspectivas de sucesso (ROCHA-PINTO et al., 2008). Daí se conclui que ao se tratar de pesquisas qualitativas, possivelmente se dará maior relevância à validade interna, visto que a generalização não é, usualmente, objetivo da pesquisa qualitativa.

As técnicas no âmbito da validade transacional são um meio para se assegurar a maior aderência possível entre os dados coletados e interpretados e a realidade, e incluem abordagens para aferição da validade, como a triangulação. Mediante a utilização desses métodos, os informantes da pesquisa são instados a confirmar se a interpretação dada pelo pesquisador corresponde à sua realidade, pois a construção que o pesquisador faz da realidade será, inevitavelmente, uma reconstrução, uma interpretação (CHO; TRENT, 2006).

Na concepção interpretativista, Günther (2006) apresenta uma lista de diversas perguntas que orientariam a avaliação da validade interna de pesquisas qualitativas, tais como: As perguntas da pesquisa são claramente formuladas? O delineamento da pesquisa é consistente com o objetivo e as perguntas? Os paradigmas e os construtos analíticos foram bem explicitados? A posição teórica e as expectativas do pesquisador foram explicitadas? Adotaram-se regras explícitas nos procedimentos metodológicos e analíticos? Os procedimentos metodológicos e analíticos estão bem documentados? Os dados foram coletados em todos os contextos, tempos e pessoas sugeridos pelo delineamento? O detalhamento da análise leva em conta resultados não-esperados e contrários ao esperado? A discussão dos resultados leva em conta possíveis alternativas de interpretação? Os resultados são congruentes com as expectativas teóricas? Explicitou-se a teoria que pode ser derivada dos dados e utilizada em outros contextos? Os resultados são acessíveis, tanto para a comunidade acadêmica quanto para os usuários no campo? Os resultados estimulam ações – básicas e aplicadas – futuras? Segundo este autor, o método é consistente com os princípios tanto da pesquisa qualitativa quanto da pesquisa quantitativa, pois os critérios ofereceriam o nível de validação numa gradação *qualitativa*, e não mediante um valor numérico (GÜNTHER, 2006).

O método de triangulação é frequentemente utilizado para demonstrar validade em pesquisas científicas. A origem do termo (triangulação) está nas ciências que se utilizam de pesquisas sobre terra e sobre navegação, referindo-se a um método simples para determinar a posição de um ponto mediante observação de dois outros pontos adicionais (FARMER et al., 2006).

Migrando das ciências exatas, a triangulação foi adotada então para pesquisas na área de saúde e para pesquisas sociais por psicólogos quantitativos. Depois passou a ser utilizada em várias áreas, por se acreditar que a triangulação permite uma compreensão multidimensional

de problemas complexos. O objetivo principal é aumentar a validade da pesquisa, garantindo que os resultados e suas interpretações são confiáveis (LINCOLN; GUBA, 2006).

A triangulação implica a utilização de abordagens múltiplas para evitar distorções em função de um método, uma teoria ou um pesquisador (GÜNTHER, 2006). Visa controlar viés, enriquecer constatações, confirmar, reafirmar validade e confiabilidade. Para Farmer (2006), triangulação é um enfoque metodológico que contribui para validade dos resultados de uma pesquisa quando são utilizados múltiplos métodos, teorias, fontes e pesquisadores.

Guion (2002) define cinco tipos de triangulação. O primeiro tipo é a triangulação de dados, no qual se usam diferentes fontes de dados, ou de informações, para chegar ao mesmo resultado. É o mais conhecido e de mais fácil implementação. O segundo tipo é de triangulação de pesquisadores, no qual diferentes pesquisadores estudam o mesmo tema usando as mesmas técnicas (entrevista, observação, estudo de caso, grupos focais). Se os diferentes pesquisadores chegarem às mesmas conclusões, então fica estabelecida a validade. O terceiro tipo é o de triangulação de teorias, no qual profissionais de campos de estudo distintos – como economia, antropologia, ciência política, administração – se envolvem na pesquisa, a partir de diferentes perspectivas, para interpretar o mesmo conjunto de informações. O quarto tipo, também popular e amplamente utilizado, é a metodológica, que utiliza métodos tanto qualitativos quanto quantitativos para estudar um problema. Alguns autores, como Neves (1996), chamam de triangulação apenas esse tipo, qual seja, a combinação de métodos quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa. Finalmente, o quinto método é a triangulação ambiental, que envolve o uso de locais diferentes, ou diferentes fatores-chave para a pesquisa em questão, como a hora do dia, o dia da semana, ou a estação do ano. Há que se identificar um fator ambiental que seja relevante e que possa influenciar a informação. Caso se chegue à mesma conclusão modificando o fator ambiental, está estabelecida a validade (GUION, 2002). Meijer, Verloop e Beijard (2002) também identificam esses cinco tipos de triangulação, com algumas diferentes nuances entre eles, e os apresentam em ordem distinta.

Há também a validação da pesquisa pelos pares, pela comunidade acadêmica, mencionada por Alves-Mazzotti (2006), ao tratar da temática de estudo de caso. Não se trata, nessa situação, da triangulação de pesquisadores. Antes, concebe um diálogo do pesquisador com a comunidade acadêmica, que confere relevância e confiabilidade à pesquisa, num processo de produção coletiva de conhecimento (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

Para verificação da confiabilidade quando se trabalha com grupos focais, é possível verificar se o processo da pesquisa foi bem organizado, planejado e baseado em um contrato ético de participação assumido por todos os elementos do grupo (RESSEL et al, 2008).

Pode-se também manter um protocolo para garantir validade em pesquisas qualitativas. Existem mais de vinte e quatro métodos com essa finalidade, de manter um protocolo para verificação da confiabilidade e garantia de validade. Alguns desses métodos são: envolvimento prolongado; observação persistente; triangulação; manter registro de tudo; checar com os membros; pesar as evidências; verificar por representatividade; explicitar o viés do pesquisador; fazer comparações; experimentação teórica (ir aonde os dados levarem, não manipular os dados); verificar os significados dos casos extremos; usar os casos extremos; eliminar relações espúrias; analisar as surpresas encontradas nos dados; estruturar relações; consultar um colega para agir como “advogado do diabo”; entre outros (ONWUEGBUZIE; LEECH, 2007).

Ademais, pode-se verificar a qualidade de um trabalho qualitativo por sua transparência, coerência e comunicabilidade, que construiriam a justificabilidade das interpretações. Por

transparência entende-se que o leitor da pesquisa é capaz de identificar com clareza os processos que foram utilizados para coleta e para análise dos dados. Por coerência entende-se que os construtos teóricos estão ajustados e coerentes com a análise desenvolvida. E por comunicabilidade entende-se que a pesquisa faz sentido para os leitores, para o pesquisador e para os pesquisados (ROCHA-PINTO et al., 2008).

Em suma, há várias estratégias para estabelecer validade em pesquisas qualitativas (MORSE et al., 2002). Há também inúmeros métodos e propostas de conciliação entre eles, análises variadas sobre seus usos em pesquisas qualitativas, enfim, ampla reflexão acerca da utilização da concepção e da aferição da validação em pesquisas qualitativas. Embora a escolha do pesquisador dependa fundamentalmente do contexto e da lógica científica subjacente.

3. Contexto das concepções e lógica científica subjacente

A pesquisa no âmbito das ciências naturais parte do pressuposto de que é possível identificar uma realidade pré-existente, de maneira objetiva e sem a influência do pesquisador, a partir de métodos neutros que vão permitir a identificação da existência de leis que regem o funcionamento do universo e controlam toda a existência, em última análise. A validação desse tipo de pesquisa vai se utilizar, necessariamente, de instrumentos que permitam comparar a realidade dos fenômenos observados com suas medidas e as representações dessas medidas (MARTINS, 2004).

A pesquisa no âmbito das ciências sociais identificou e valeu-se, em grande medida, de outra possibilidade, que seria a da identificação da realidade construída, na qual o pesquisador interage com o objeto da pesquisa, em um processo no qual sua própria cognição vai influir no resultado da pesquisa. Trata-se, portanto, da construção do conhecimento a partir de uma postura interpretativa. Essa possibilidade de construção do conhecimento vai implicar a possibilidade de que pesquisa e pesquisador sejam participantes ativos do processo de construção do conhecimento, e não lhes impõe mais uma postura neutra, afastada, como requer o positivismo (GOLAFSHANI, 2003).

Para os positivistas, qualquer pesquisa científica, por definição e também por suas características intrínsecas, deve ser necessariamente quantitativa. Ou seja, para os positivistas só são científicas as pesquisas baseadas em dados e que utilizam instrumentos de mensuração. Acreditam que os métodos qualitativos não dão origem a dados confiáveis. Por sua vez, os interpretativistas desconfiam dos positivistas afirmando que não realizam pesquisas válidas porque não se colocam no lugar do objeto estudado, do sujeito (ROCHA-PINTO et al., 2008).

O conflito existente entre a pesquisa quantitativa e qualitativa é manifesto, e envolve até mesmo esferas estatais. Cho e Trent (2006) narram os esforços do governo norte-americano para impor conceitos quantitativos como o paradigma a ser seguido na construção do conhecimento científico.

Pesquisadores qualitativistas consideram que a concepção de validade definida em termos quantitativos é inadequada, pois termos quantitativos podem não ser aplicáveis ao paradigma da pesquisa qualitativa. Nessa linha, foram desenvolvidos outros conceitos que estão para a pesquisa qualitativa assim como a validade está para pesquisa quantitativa, como, por exemplo, fidedignidade, rigor e qualidade (GOLAFSHANI, 2003).

Cho e Trent (2006) demonstram, com grande sutileza, a natureza do problema, ao tratar do conceito de validade transacional:

Em grande medida, esse enfoque assume que a pesquisa qualitativa pode ser mais confiável na medida em que algumas técnicas, métodos e/ou estratégias sejam empregadas durante o desenvolvimento da pesquisa. Em outras palavras, técnicas são vistas como uma forma de garantir reflexão precisa da realidade (ou, ao menos, da construção da realidade pelos participantes da pesquisa). (CHO; TRENT, 2006, p. 322).

A ideia de que a adoção de determinadas medidas vá conceder maior credibilidade à pesquisa qualitativa parece trazer em si a noção subjacente de que ainda lhe falta um *quantum* de credibilidade, ainda que tal medida seja indefinida. A solução seria, então, a adoção de técnicas, métodos e estratégias a serem introduzidos no processo de pesquisa, de maneira a se obter um “acurado reflexo da realidade (ou, pelo menos, à construção da realidade feita pelo participante)”. Visto que a obtenção de um acurado reflexo da realidade trata-se de uma categoria positivista, Cho e Trent (2006) fazem então a ressalva de que pode se tratar, na verdade, da construção feita pelo participante da pesquisa, alcançando a perspectiva antipositivista da construção do conhecimento.

Cho e Trent (2006) fazem, ainda, referência a uma mudança conceitual que eles observaram nos trabalhos de Lincoln e Guba de 1985 e 1989, visto que, no mais antigo, referiam-se com naturalidade à triangulação como método de aferição da acurácia de dados em pesquisa qualitativa, evoluindo para uma reflexão acerca das implicações positivistas do método da triangulação. Posteriormente, citam outro trabalho de Lincoln e Guba (2000), no qual eles consideram a perspectiva positivista de validade, como absolutamente alcançável, e a perspectiva construtivista – na qual a validade nunca pode ser alcançada, ao contrário, tem que ser checada indefinidamente.

Entre outras conclusões, Cho e Trent (2006) afirmam, afinal, que é equivocado o objetivo de alguns cientistas em definir métodos e estratégias de validação da pesquisa qualitativa na medida daquelas convencionais da pesquisa quantitativa.

Golafshani (2003) entende que conceitos como validade e triangulação devem ser redefinidos a partir de um ponto de vista qualitativo, se intentam alcançar o *status* de conceitos relevantes em pesquisa qualitativa.

De fato, a utilização da triangulação, como instrumento de validação em pesquisas quantitativas e qualitativas deve considerar a distinção entre os universos positivista e pós-positivista. Enquanto que, na pesquisa quantitativa, qualquer exceção pode levar a não confirmação da hipótese; na pesquisa qualitativa exceções podem levar a modificação ou até construção de teorias (GOLAFSHANI, 2003).

Cho e Trent (2006), ao proporem o enfoque de distintos conceitos de validade para distintos objetivos de pesquisa, acabam, inclusive, impondo a relativização da busca e conhecimento da verdade como propósito final da pesquisa científica – valor tão caro ao positivismo –, ao compreender cinco tipos de propósitos distintos na pesquisa qualitativa, entre os quais apenas um refere-se à busca da verdade, e um deles aponta para um novo referencial para o resultado de uma pesquisa, que é o objetivo *praxis*-social, que compreende valores como emancipação cidadã e justiça social.

As diversas definições de validade em pesquisa qualitativa, assim como a diversidade de métodos de validação existentes, manifestam a distinção desse conceito em relação àquele

desenvolvido no âmbito de pesquisas quantitativas, menos fluido, mais concreto e facilmente apreensível.

Conclusões

A partir das distintas concepções, formas de aferição e lógicas subjacentes, foi desenvolvida uma análise agrupando as distintas concepções de validade em pesquisa qualitativa. Foi possível perceber que as concepções de validade podem ser agrupadas em três grandes blocos: concepções mais relacionadas à fase da formulação da pesquisa (validade prévia); concepções mais relacionadas à fase de desenvolvimento da pesquisa (validade interna) e concepções mais relacionadas à fase de resultados da pesquisa (validade externa).

O agrupamento foi inspirado no texto de Brinberg (1982), a partir de sua concepção básica que traz três momentos distintos para aferição da validade em pesquisas qualitativas, que são a formulação, o desenvolvimento e o resultado. Foram adicionados outros elementos que surgiram a partir daquilo que foi pesquisado e apresentado ao longo deste ensaio. Esse agrupamento está apresentado no quadro 1.

Nota-se a presença de autores tanto quantitativos quanto qualitativos em cada uma das fases, de formulação, desenvolvimento e resultados; embora os enfoques sejam diferenciados. Na formulação, pode-se ter uma validade quantitativa sobre se a medida representa precisamente a realidade; ou uma validade qualitativa, que é construída pelo pesquisador e pode ser definida de diversas formas. No desenvolvimento, um enfoque mais próximo às origens positivistas seria o da lógica, embora predomine um enfoque mais qualitativo relacionado à ética, interação, comportamento, responsabilidade e coerência. Nos resultados, observa-se tanto a validade quantitativa enquanto poder de generalizações e predições; quanto também a validade qualitativa enquanto poder de compreensão e transformação.

Esse agrupamento mostrou, entre outras coisas, que as concepções de validade mais próximas às origens positivistas se preocupam mais com validade na formulação e nos resultados; enquanto as concepções de validade mais interpretativistas dão maior ênfase no desenvolvimento da pesquisa, sem deixar de lado preocupações também com formulação e resultados. A validade, em pesquisas qualitativas, parece assim ser mais ampla e pormenorizada; embora menos mensurável quantitativamente.

Vemos, conforme o quadro 1, que diversos conceitos de validade utilizados em pesquisas qualitativas foram herdados de pesquisas quantitativas. A incorporação exigiu fazer adaptações, por serem distintos os contextos de atuação e as epistemologias subjacentes.

Mesmo autores como Cho e Trent (2006), que trabalham a questão das transições epistemológicas de métodos de validação, também adotam proposições que inserem mecanismos originalmente positivistas nos métodos de validação qualitativos.

QUADRO 1
DIFERENTES CONCEPÇÕES DE VALIDADE EM PESQUISA QUALITATIVA,
AGRUPADAS EM TRÊS GRANDES BLOCOS

Concepções de Validade	O que é	Tipos e características	Principais autores que a discutem
NA FORMULAÇÃO	Validade prévia	Correspondência entre a pesquisa e a realidade	BIANCHI, IKEDA, 2008
	Grau em que uma medida representa exatamente o que se espera	Convergente, discriminante e monológica	HAIR et al, 2009
	Compreensão do que deve ser medido		
	Possibilidade de repetir o experimento, replicabilidade		
	Construto fluido	Construída pelo pesquisador	GOLAFSHANI, 2003
NO DESENVOLVIMENTO	Validade interna	Contém premissas das quais a conclusão pode ser logicamente extraída	SACCONI, 2010
	Foco nos procedimentos, ênfase na metodologia	Transparência, responsabilidade e ética.	KORO-LJUNGBERG, 2010
	Transacional	Interação entre pesquisador e pesquisado	CHO, TRENT, 2006
NOS RESULTADOS	Validade externa	Capacidade de generalização ou extrapolação dos resultados (replicabilidade)	HAIR et al, 2009
		Verificar se os resultados são verdadeiros e confiáveis	GUION, 2002
	Impacto da pesquisa	Que surte efeito, eficaz	FERREIRA, 2009
	Transformacional	Emancipação social.	CHO, TRENT, 2006
		Descrever, compreender e extrapolar para situações	

Elaboração: autores.

A imposição da obrigatoriedade de que a construção do pesquisador não seja uma reconstrução, e de se garantir que as informações obtidas sejam checadas, inclusive com a imposição de que sejam excluídas da pesquisa as percepções pessoais dos pesquisadores, são comportamentos esperados no âmbito da pesquisa em ciências naturais. No entanto, na pesquisa qualitativa, esse condicionamento acaba por propor um tipo de distanciamento que é o que se espera entre pesquisador e a realidade pesquisada na pesquisa realizada na tradição positivista, mas precisa ser adaptado para a pesquisa qualitativa.

Uma adaptação condizente com a lógica qualitativa é o modelo de validade transformacional, por identificar a possibilidade de que, ao lado da busca da verdade seja incluído um objetivo de pesquisa mais alinhado com a tradição interpretativa, pois se aproxima de valores como justiça social e ética (CHO; TRENT, 2006).

Em decorrência desta análise, vê-se que um pesquisador pode e deve se preocupar com validade nas três fases da pesquisa: formulação, desenvolvimento e resultados.

A forma que esta preocupação irá assumir vai variar de pesquisador para pesquisador, conforme suas orientações filosóficas, epistemológicas e científicas. O mais fundamental é manter coerência ao longo de toda a pesquisa.

Em suma, há várias concepções de validade. O conceito de validade surge no âmbito de pesquisas quantitativas, e é adaptado para pesquisas qualitativas. A adaptação vem ocorrendo de forma ampla e pode ser notada nos três grandes blocos de validade: a prévia (na formulação da pesquisa), a interna (no desenvolvimento da pesquisa) e a externa (nos resultados da pesquisa). Há diversas concepções e diferentes técnicas para aferição de validade, e o pesquisador qualitativo deve avaliar a escolha de métodos de validação, para manter a coerência entre epistemologia, métodos e técnicas ao longo de toda a pesquisa.

Sugere-se pesquisar acerca de justiça social e ética como valores subjacentes aos objetivos de pesquisa, o que talvez possa sinalizar um novo e mais adequado caminho para validade em pesquisas com epistemologia interpretativa.

Referências

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez., 2006.
- BIANCHI, E. M. P. G.; IKEDA, A. A. Usos e aplicações da *grounded theory* em Administração. **Gestão.Org.**, v. 6, n. 2, p. 231-248, 2008.
- BRINBERG, D. Validity Concepts In Research: An Integrative Approach. In: **Advances in Consumer Research**, v. 9, eds. Andrew Mitchell, Ann Abor : Association for Consumer Research, p: 40-44. 1982.
- CHO, J.; TRENT, A. Validity in qualitative research revisited. **Qualitative Research Journal**, v. 6, n. 3: p. 319-340, 2006.
- FARMER, T.; ROBINSON, K.; ELLIOTT S. J.; EYLES, J. Developing and implementing a triangulation protocol for qualitative health research. **Qualitative Health Research**, v.16, 2006.

- FERREIRA, A. B. H.. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 4ª ed., Positivo, Curitiba, 2009.
- GOLAFSHANI, N. Understanding reliability and validity in qualitative research. **The Qualitative Report**, v. 8, n. 4, dec., p. 597-607, 2003.
- GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.22, n.2, maio/ago., p.201-210, 2006.
- GUION, L. A. Triangulation: Establishing the validity of qualitative studies. University of Florida, **FCS 6014**, set., 2002.
- HAIR Jr., J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L.. **Análise Multivariada de Dados**. 6ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- KORO-LJUNGBERG, M. Validity, Responsibility, and Aporia. **Qualitative Inquiry**, v. 16, n. 8, p. 603-610, 2010.
- LINCOLN, Y. S.; CUBA, E. G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p.289-300, maio/ago. 2004.
- MEIJER, P. C.; VERLOOP, N.; BEIJAARD, D.. Multi-Method Triangulation in a Qualitative Study on Teachers' Practical Knowledge: An Attempt to Increase Internal Validity. **Quality & Quantity – International Journal of Methodology**, v. 36, n. 2, pp. 145-167, 2002.
- MORSE, J. M.; BARRETT, M.; MAYAN, M.; OLSON, K.; SPIERS, J. Verification Strategies for Establishing Reliability and Validity in Qualitative Research. **International Journal of Qualitative Methods**. vol 1, n. 2, 2002.
- NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v.1, n.3, 2º sem., 1996.
- ONWUEGBUZIE, A. J.; LEECH, N. L. Validity and Qualitative Research: An Oxymoron? **Quality & Quantity – International Journal of Methodology**, v. 41, n. 2, pp. 233-249, 2007.
- RESSEL, L.B.; BECK, C. L.C; GUALDA, D. M. R.; HOFFMANN, I. C.; SILVA, R. M.; SEHNEM, G. D.. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n.4, out./dez., p. 779-786, 2008.
- ROCHA-PINTO, S.R.; FREITAS, A.S.; MAISONNAVE, P.R. Métodos interpretativistas em Administração: as implicações para o(a) pesquisador(a). In: **XXXII Encontro da ANPAD**, Rio de Janeiro - RJ, 2008.
- SACCONI, L. A. **Grande Dicionário Sacconi da Língua Portuguesa**, Nova Geração, São Paulo, 2010.